

ÉTICA E ESTÉTICA NOS CONTOS DE LIMA BARRETO

Elizabete Barros de Sousa Lima - UnB

elizabete.bs001@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa discutir as tensões entre ética e estética nos contos: “Harakashy e as escolas de Java”, e “A ave estranha”, além de ressaltar a importância de outros dois textos “Casa de Poetas” e “Esta minha Letra...” do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922), que compõem o volume de contos completos. Em linhas gerais, o objetivo do trabalho é analisar tais tensões em consonância à visão particular desse escritor acerca das transformações sociais que se desenvolveram em fins do século XIX e início do século XX. Para tal intento buscou-se analisar as problemáticas observadas por Barreto no tocante à recepção da obra literária bem como ao tratamento dispensado à figura pública do escritor nesse período em questão. Dentro dessa perspectiva, a literatura sempre é entendida sob o ponto de vista de seu caráter ético, mas, logicamente, sem perder de vista a sua dimensão estética, menos evidente, mas sempre presente; o texto literário se propõe a ficcionalizar os aspectos sociais que permeiam a sociedade da qual escritor e obra são frutos.

Palavras-Chave: Lima Barreto; ética, estética.

INTRODUÇÃO

Pensar o caráter ético dentro da obra de arte é vê-la como mecanismo social de expressão da vida. Ela deve representar o seu tempo, ser retrato dos acontecimentos, tornando-se registro e história para as gerações que a sucedem. Nessa perspectiva, Jean-Marie Guyau afirma que:

A grande arte é aquela que trata a natureza e a vida, não como ilusões, mas como realidades, e que nelas sente, com o máximo de profundidade, não aquilo que a arte humana pode expressar, mas aquilo que, ao contrário, mais dificilmente pode ser traduzido, aquilo que é o menos transportável para o seu domínio. (GUYAU, 2009, p. 43)

Para o filósofo, a arte deve ter objetivo social, deve ser uma arte compromissada com os fatos sociais e com a realidade. Sua função é provocar a sociabilidade. A ética literária prega como essencial a representação de sociedades saudáveis, sendo que se torna bem sucedida a partir do momento em que retira dos assuntos dissonantes assuntos interessantes à vida. No que concerne à estética, Guyau argumenta que “a emoção estética mais completa e mais elevada é uma emoção de um caráter social” (GUYAU, 2009, p. 29). O caráter social da ciência do belo é um caráter ético, ressaltando a importância das emoções estéticas como aspectos que ligam a arte à sociedade, da qual é fruto.

Cabe ao autor produzir uma literatura que venha refletir sua realidade para que essa se torne retrato de uma época, e que o possa levar para a posteridade. A grandeza superior devotada ao homem de grandes ideias se vale ao sujeito que consegue enxergar o seu tempo com todas as fraquezas e fragilidades que lhe são inerentes.

O PENSADOR E SEU TEMPO

No início do século XX, período em que viveu o escritor Lima Barreto, o modelo parnasiano de escrita ainda possuía muita influência no meio literário brasileiro. O tom declamatório e pomposo do Parnasianismo estava associado a um forte apelo ao culto vernacular e à ideia da arte pela arte (significando alheamento em relação aos problemas sociais, retorno aos temas clássicos e preocupações literárias banais, meramente estéticas). Para o combativo escritor brasileiro, autor de romances polêmicos como *Recordações do escrivo Isaias Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, os problemas políticos e sociais de seu tempo exigiam uma postura mais dinâmica de seus homens de letras; a questão ética, nesse caso, deveria ser um imperativo.

Leitor de Jean-Marie Guyau, filósofo que via a literatura como uma espécie de instrumento político capaz de promover a união das pessoas rumo a um bem comum, Lima Barreto sempre acentuou em seus textos o caráter de denúncia em relação às desigualdades brasileiras. Em seus romances, contos e crônicas, Barreto utilizou-se da liberdade de sua pena de escritor para registrar uma sociedade dona de princípios pautados na aparência; ele ironizou instituições e valores de sua época. A República e a complicada história política do Brasil foram os seus alvos prediletos.

Nos textos do autor são frequentes as alusões às famosas mudanças empreendidas pela Reforma Pereira Passos, do início do século, na cidade do Rio de Janeiro. Barreto não alude apenas aos eventos ocorridos entre 1902 e 1906, mas sim, e principalmente, às modificações subsequentes que foram desenvolvidas por outras gestões municipais dentro da Capital Federal. As transformações realizadas no Rio tornaram o centro da cidade modelo de riqueza, modernidade e crescimento; entretanto, por outro lado, foram as causas principais do crescimento desordenado das favelas e da criminalidade nas áreas periféricas da cidade. A população pobre, banida do centro, foi obrigada a fixar residência nos morros próximos, sem nenhuma qualidade de vida ou mesmo de higiene. Realizadas, desse modo, em nome da urbanização e da modernização do Rio de Janeiro, capital do país, tais transformações podem ser vistas como uma forma violenta de abuso de poder por parte do governo. Usando o dinheiro público, o Governo efetivava gastos desnecessários com

obras faraônicas ou mesmo com obras que só visavam atender à elite nacional.

Durante a sua vida, Lima Barreto procurou a todo o momento olhar seu espaço e perceber as mazelas sociais do seu tempo, denunciando-as através de seus escritos. Como a Academia Brasileira de Letras era liderada por um segmento de escritores muito criticado por ele, este jamais conseguiu fazer parte da mesma. Suas atitudes contrárias às questões estabelecidas pelo Poder logo o transformaram num típico escritor marginal. A publicação do romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, em 1909, no qual criticava o meio jornalístico do período, selou definitivamente a sua aventura literária: o nome de Lima Barreto sofreu um violento embargo por parte dos poderosos:

O resultado, entretanto desse impacto abalador, dessa arte ousada e cortante, dessa denúncia lúdica que galvanizou as atenções do público e dos seus confrades, foi Lima Barreto ser lançado num limbo de silêncio tácito. Pronunciar ou escrever seu nome era uma espécie de tabu, cuja quebra só era admitida se o motivo da referência fosse a derrisão. (SEVCENKO, 1997, p. 318)

Ao lado de pouquíssimas demonstrações de simpatia em relação à sua obra, o autor, ainda em vida, foi bastante criticado por alguns poucos críticos canônicos; tais críticos trataram logo de inserir o nome de Lima Barreto no rol dos “inadequados”: para muitos puristas, Lima Barreto escrevia mal o português, além de fazer um tipo de literatura muito calcada em suas vivências pessoais; ocorre que, na verdade, o escritor buscava justamente aí a sua maneira original de escrever; ele fazia uma literatura sem atenção ao purismo da língua, pois queria afastar-se daquele padrão do meramente estético pregado pela tendência dominante do período. O objetivo principal de sua literatura estava no social: numa atitude artística que aproximasse a arte e o homem visando o bem comum. Para o escritor havia a necessidade de uma ética literária pautada no retrato social; a literatura deveria retratar os fatos sociais, e não voltar-se para o vago e para coisas inúteis. O ideal e o real estavam desfigurados, mesclados em um jogo de essência e aparência. E a literatura estava retratando apenas esse ideal falseado pelas aparências. O compromisso crítico e artístico de Barreto era quebrar esse estado letárgico do pensamento brasileiro.

Ao escrever sobre Lima Barreto, em 1935, Jorge Amado destaca que Barreto foi o maior escritor da literatura Brasileira: um sujeito do povo, que escrevia sobre e para o povo, os pobres, todas as classes desfavorecidas. Mas não deixa de mencionar o desprezo dos “intelectuais” por sua obra, pois essa poderia incitar revolta nas pessoas. Com esse pensamento, segundo Amado, “discretamente, os honestos intelectuais que dominam as letras brasileiras fizeram o silêncio em torno do nome do maior romancista do Brasil” (AMADO *in*: BARRETO, 1997, p. 430). Para esse

romancista, Lima Barreto é um escritor do povo, e outras classes não precisam compreendê-lo, pois esta já o compreende.

A VISÃO LITERÁRIA NOS CONTOS DE LIMA BARRETO

A obra de Lima Barreto teve pouco reconhecimento durante a sua vida. Salvo os elogios que recebeu do famoso crítico literário José Veríssimo, resta à admiração e o estímulo que Lima Barreto recebeu de Monteiro Lobato, já no fim da vida. De modo geral, as publicações mais importantes do ponto de vista acadêmico, isto é, aquelas que abriram portas para o estudo das obras limabarretianas devem-se aos esforços do seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Com efeito, a crítica só começou a dar voz à obra e à figura pública de Barreto a partir da biografia produzida por Barbosa.

De maneira geral, pode-se afirmar que os contos representam a parte menos auscultada da produção literária de Lima Barreto. Poucos são os estudos que se propõem a estudá-los. Talvez isso ocorra porque muitas dessas narrativas estão incompletas. Suas publicações foram poucas e esparsas. Lília Moritz Schwarcz foi à primeira pesquisadora a fazer a reunião de todos os contos do autor. A presente edição apresenta textos publicados em vida pelo autor, outros postumamente e textos inéditos. Fez-se um apanhado da produção de Lima, incluindo crônicas e peças no intento de respeitar a escolha do autor que em muitas ocasiões misturava os gêneros. Um dado importante a ser registrado é que a autora reuniu os textos de acordo com sua data de aparecimento.

As narrativas curtas representam uma parte muito importante e muito rica dentro da obra geral do autor; nelas, o escritor faz transitar todos os tipos sociais, desenvolvendo a partir daí fortes críticas à burguesia em geral:

Por sinal, os contos condensam um pouco de tudo. Por vezes, neles encontramos versões resumidas do que seriam futuros livros; ou pequenas drágeas de temas insistentemente retomados no conjunto da obra; a violência dos métodos eugênicos, o estado de policiamento, a falsidade de uma elite adepta de modas estrangeiras, o artificialismo de nossa literatura, a fragilidade dos políticos e das instituições; os grandes processos de isolamento vivenciados pela população pobre e nomeadamente negra, e, ainda mais essa “República que não foi”. (SCHWARCZ *in*: BARRETO, 2010, p. 44)

Sendo assim, é em meio à seara de tipos bastante característicos que povoam os contos de Lima Barreto que procuramos delinear as facetas de alguns personagens representantes do cotidiano carioca no início do século.

“HARANKASHY E AS ESCOLAS DE JAVA”

O conto “Harakashy e as escolas de Java” foi escrito em 1920, dois anos antes da morte de Lima Barreto. Nesse período, o escritor já gozava de certo reconhecimento uma vez que seus principais romances já haviam sido publicados, bem como uma grande quantidade de crônicas e contos.

O conto em questão é escrito em primeira pessoa, com um personagem que disserta acerca de uma pequena cidade, Batávia, localizada na ilha de Java, habitada por trepadeiras e carvalhos, nos quais as primeiras tinham como princípio se apoiar nestas para subirem e fazerem sua fama. Para o narrador, o lugar em questão é uma cidade agradável e tranquila, entretanto essa paz está ameaçada pela presença de estrangeiros, estes estão contaminados pela ganância e a riqueza.

Nos olhos das mulheres do bairro europeu não há senão a mui terrena ânsia de fortuna; mas nos olhares negros, luminosos, magnéticos das javanesas há coisas do Além, o fundo do mar, o céu estrelado, o indecifrável mistério da sempre Ásia. (BARRETO, 2010, p. 153)

Na cidade estão localizadas as escolas de ciência e arte, espaço de grande disputa entre os burgueses. Essas pessoas fazem de tudo para conseguir uma vaga, pois, o título acadêmico dá-lhes muito mais facilidade de conseguir grandes cargos públicos.

O sujeito que é acadêmico tem facilidade em arranjar bons empregos na diplomacia, na alta administração; e a grande burguesia, burguesia de acumuladores de empregos, de políticos de honestidade suspeita, de leguleios afreguesados, de médicos milagrosos ou de ricos desavergonhados, cujas as riquezas foram feitas à sombra de iníquas e aladroadas leis – essa burguesia, continuando, tem em grande conta o título de membro da academia, como todo outro qualquer, e o acadêmico pode bem arranjar um casamento rico ou coisa equivalente. (BARRETO, 2010, p. 153-154)

Por não ser obrigatória a profissão de escritor para ter acesso à academia, ela fica repleta de médicos, estes com o único intento de ganhar fama perante a população. Lá, a medicina dos

doutores é tão estimada pelo fato de que ninguém as lê; mesmo porque, se alguém o fizer, nada entenderá. Esses profissionais não compreendem literatura como os grandes mestres que os antecederam, mas apenas com trato direcionado a seu trabalho dispondo de uma escrita obscura.

Determinado dia, havendo um doente na cidadela chamaram um médico, integrante de grandes academias. A população dos arredores estava ansiosa com a presença de tão magnífica celebridade. O doutor chamava-se Lhovery, e foi pago antes da consulta. Ao chegar à residência, logo insultou quem havia tratado o homem anteriormente, fazendo-se grandes críticas. Após a consulta, deu o diagnóstico e a receita em grego, restando nenhum entendimento por parte da família.

Fatos como esse exemplificam o trato dado pelos integrantes da Academia de Letras de Batávia aos seus pacientes. Eles se utilizam de um conhecimento que se limita ao seu próprio entendimento, e sua cura não cabe às classes “inferiores”. Os discursos escritos por essas celebridades causam tão grande êxito que se tornam a chave para o acesso à Academia. Os sábios de Java empregam todos os meios para conseguirem ocupar os espaços almejados, menos a prática do estudo. Esse exercício já vem da vida de estudante, onde o jovem javanês emprega todos os esforços para se formar, menos o de estudar. “Os jovens javaneses empregam toda espécie de meios para não serem reprovados, menos estudar”. (BARRETO, 2010, p. 158). O narrador também relata a história de Harakashy para comprovar sua teoria sobre as castas bramânicas. Esse rapaz por ser pobre, mesmo com a oportunidade de tentar um ensino universitário não conseguiu crescer, pois foi reprovado tantas vezes que desacreditou de seu sonho.

O conto em questão visa pensar a função da Academia de Letras do período, quais eram os frequentadores do recinto. Ao pensar na própria condição de classes que existia no país, é possível perceber, a partir da descrição minuciosa realizada pelo narrador, que as pessoas que tinham acesso a entidade acadêmica nada tinha a ver com o meio literário. A literatura que praticavam era mero pretexto para se dizerem partícipes desse mundo, um espaço mesclado por jogos de aparência e de dinheiro. Quem possuía mais era agraciado pelo povo, ocupando, assim, os grandes cargos. Outro questionamento levantado reflete acerca da estética literária da época. A escrita desses intelectuais não era entendível, eles enfeitavam tanto, com linguagens antigas e simbólicas que atrapalham a concretude da enunciação. Ninguém as entendia, mas só por utilizar esse tipo de jargão reconhecia-se um grande pensador. “A literatura desses doutores e cirurgiões é das mais estimadas naquelas terras; e isto, por dois motivos: porque é feita por doutores e porque ninguém a lê e entende” (BARRETO, 2010, p. 154).

“A AVE ESTRANHA (UMA ANEDOTA DO REINO DOS PERUS)”

Essa pequena narrativa, escrita em terceira pessoa, relata a história de uma ave estrangeira que chegou ao reino dos Perus. O local era conhecido por sua mesmice, repetição e visão única das coisas. Não suportava que um mesmo objeto tivesse diversificadas apreciações, seu modelo artístico era único e arcaico, sua letra sempre igual: “Todos eram iguais, do mesmo povo, com a mesma voz, com mesmos gostos; as diferenças que, porventura, se lhes pudesse dar o nascimento os anos lhe tiraram” (BARRETO, 2010, p. 637).

Essa ave estranha chegou para burlar todos os mandamentos, todas as regras do local. Nada tinha a ver com os habitantes da região. Sua atitude era contrária a tudo já visto. De nada tinha medo:

Não tinha as penas negras de brilho esverdeado; movia-se em todos os sentidos; os traços de giz não suspendiam seus passos. Mal pousou em terra, familiarmente, como se de há muito conhecesse o hábito, pôs-se a falar, a comentar com segurança. Não tinha medo nem das palavras, nem das ideias, nem dos outros perus, os maiores, que eles diziam existir poderosos. (BARRETO, 2010, p. 636)

A partir do pequeno relato pode-se entrever certa crítica feita pelo narrador à visão literária do início do século XX: um período nada afeito a mudanças, o modelo arcaico de escrita era o correto, o certo e o que todos os escritores do período deveriam seguir. O novo, o diverso, não encontrava espaço nesse momento, sendo considerado como “estranho”.

Outra colocação levantada pelo autor se refere ao círculo literário da época. Esses cidadãos se reuniam em círculos fechados, praticavam o mesmo tipo de literatura, pensavam igual, escreviam igual. A diversidade era totalmente estranhada e reprimida. Assim era a literatura de sua época, marcada por círculos viciosos e apadrinhamentos, quem não tinha poder não fazia parte. Mas uma vez é questionado o caráter ético dessas instituições, que em vez de escolher as pessoas por sua capacidade e talento o faziam pelas vantagens que poderiam obter.

Pensando em textos de Lima Barreto que venham a refletir acerca da literatura do início do século XX, nossa pesquisa se deparou com dois escritos que compõem o volume de contos organizados por Lília Moritz Schwarcz que muito vão refletir o modelo literário da época. “Essa Minha Letra...” e “Casa de Poetas” não são contos, mas crônica e peça teatral respectivamente. A pesquisadora os incluiu nesse volume porque esses fazem parte de uma organização do próprio autor, que como salienta Schwarcz, em muitas ocasiões confundia os gêneros.

“Essa minha Letra...” (1911) faz uma crítica fugaz à forma de escrita do período, ironizando o modelo de escrita ideal da aristocracia, voltado para normalização gramatical e a ética discursiva. “Que ela me levasse a incorrer na crítica gramatical da terra, vá; mas que me leve a dizer coisa contra a clara inteligência das coisas, contra o bom-senso e o pensar honesto e com plena consciência do que estou fazendo!” (BARRETO, 2010, p. 551). É a própria sátira que se vê manifesta nessa citação.

A história se resume em um diálogo do narrador com seu leitor, discutindo o poder de sua escrita. Segundo o mesmo, o modelo escolhido acaba prejudicando muito, afastando-o da elite literária da época que postam sua escrita como errada. Já lhe pediram para fazer nova escolha, mas a sua foi ser literato “Eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras” (BARRETO, 2010, p. 552). Ele não poderia deixar o espaço livre para que os ditos escritores fizessem da cena literária o que desejassem. Seu propósito consciente foi escrever sobre esse sistema político fastidioso que se implementava no país. Criticar um sistema vicioso, pautado na aparência, sem nenhuma função social.

Lima critica a citação de escritores em escritos. Segundo o autor não se deve citar vários autores simplesmente por modismos e para dizer que fez grandes leituras. Devem-se citar os que realmente produziram grandes obras, os que merecem ser lembrados. Essa é uma característica que o diferencia dos demais produtores de arte do período.

A crítica levantada nessa obra se refere à liberdade de escrita e o trato das situações sociais. Precisa-se registrar os momentos, e a obra literária é recinto para guardar a história, para que ela seja transmitida e conhecida pela posteridade. Uma literatura que vise apenas o estético não deve ser considerada arte, perdendo de tudo seu caráter ético. A arte bem representada é a que consegue unir o ético e o estético. A que possua sua beleza mais, principalmente, seja retrato do momento e dos assuntos que circundam sua sociedade.

Na peça *Casa de Poetas* relata-se a história de uma família acostumada da receber poetas. Clarimundo se encarrega da função, sempre com grande desagrado de sua esposa, Mariana, por alegar falta de atenção das personalidades com sua pessoa. A filha do casal, Clarinda, passa os dias a idealizar a chegada das figuras e seu copeiro, Luís, renega tais presenças por não apreciar suas índoles literárias, o Parnasianismo, prefere os poemas de própria autoria.

Com a chegada do moço alguns questionamentos acerca da literatura são levantados. O convidado revela que a produção é mínima, pois “na nossa terra não se tem vontade de trabalhar.

Não temos recompensa para o nosso esforço” (BARRETO, 2010, p. 340). Também é questionado sobre a extensão do livro, respondendo que “o que vale não é o peso, mas o conteúdo” (BARRETO, 2010, p. 341).

O autor ainda discute acerca da literatura que é moda e a que realmente agrada as pessoas. Clarimundo, ao dar preferência por escritores menores, renega o modelo imposto pela classe literária que faz parte da elite política e abre espaço para se pensar a produção do pequeno literato. Esse gosto é recebido com desdém pelo poeta parnasiano, pois esse também faz parte da Academia. A poesia parnasiana, por seu caráter de volta às origens, acaba por se revelar uma forma mecânica de arte, Lima, ao escrever próximo à oralidade, procura uma liberdade poética só alcançada pelo Modernismo, a partir de semana de 1922.

Outra crítica levantada pelo autor disserta sobre o alcance, a compreensão da poesia simbolista/parnasiana. Sua escrita era tão enfeitada que as pessoas tinham dificuldade de compreensão. Os leitores de baixa escolaridade não as compreendiam. Novamente se vê a postura contrária de Lima, ao perceber a necessidade de escrita simples e próxima à oralidade, empregada pelo autor. Sua escrita preza pela simplicidade e vai ao encontro dos subúrbios, ao mostrar uma linguagem acessível a todas as classes leitoras. Ao mencionar o uso do dicionário na hora da leitura dos poemas, ressalta a dificuldade de compreensão dos poemas da época. Ratificando o uso do dicionário na hora da composição, sendo esse auxílio para o uso de palavras difíceis que o leitor só passa a entender quando recorre ao mesmo.

REFERENCIAS

- BARRETO, Lima. *Contos completos*. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUYAU, Jean-Marie. *A arte do ponto de vista sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LOBATO, Monteiro. “Lima Barreto”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*: Edição crítica. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.
- NETO, Coelho. “A Sereia”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José De Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.
- OAKLEY, R. J. *Lima Barreto e o destino da Literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/INL, 1976.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Introdução – Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil república”. In: BARRETO, Lima. *Contos completos*. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. “Lima Barreto – a consciência sob assédio”. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.
- VALCÁRCEL, Amélia. *Ética contra estética*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2005.